

WASHINGTON NOVAES

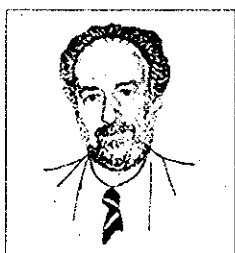
Sem perder mais tempo

Talvez o tema mais frequente, hoje, na comunicação brasileira seja o das críticas/queixas a propósito do descompasso – real ou imaginado, mais ou menos intenso – entre o ideário da campanha eleitoral do presidente da República e as realidades do poder. Teria sido prometido algo que agora não se concretiza, tal a camisa-de-força da realidade econômica encontrada e os rumos que impõe. Os ocupantes do poder argumentam que precisarão de tempo para construir uma nova realidade, sem correr agora os riscos de, “assustando o mercado”, pôr tudo a perder.

E qual será o novo caminho, superada a camisa-de-força? Não está claro. Mas parece evidente que será necessário construir toda uma nova estratégia, até aqui pouco explicitada, no mínimo. Porque dificilmente se encontrará uma alternativa enfiando apenas pelos caminhos tradicionais de ampliação do comércio exterior, via aumento das exportações, redução/substituição de importações. Num mundo quase todo à beira da recessão econômica – quando não já mergulhado nela –, pejado de subsídios nos países importadores, com os mecanismos de formação de preços todos controlados nos países mais ricos, tal caminho será, na melhor das hipóteses, longo demais, além da capacidade nacional de esperar.

A nova estratégia que teria de ser formulada precisaria, provavelmente, de um caminho paralelo dentro da administração. Ao mesmo tempo em que se executaria a estratégia de contingência – pacificadora –, formular-se-iam os novos caminhos, a serem apresentados à sociedade.

Algumas indicações que talvez apontem nessa direção foram mencionadas pelo Ministério do Meio Am-



O caminho do crescimento econômico, como é hoje, não teria base física para se sustentar

biente, ao anunciar a intenção de colocar as questões de sua área específica também nas políticas de outros ministérios. E pareceu muito clara na anunciada intenção de iniciar uma discussão sobre “comércio sustentável”.

Se essa discussão prosperar, inevitavelmente se vai chegar a um debate sobre

a sustentabilidade das nossas ações econômicas e das relações entre países ricos/importadores e países em desenvolvimento/exportadores (com estes absorvendo os custos ambientais, sociais, energéticos, etc., desse comércio, sem consideração nem remuneração). Como se vai chegar à discussão sobre os custos financeiros dessa relação (Ann Pettifor, do Jubille Research, que luta pelo cancelamento de dívida de US\$ 100 bilhões dos países mais pobres, lembra que a dívida externa dos EUA, de US\$ 2,2 trilhões, quase se iguala à dívida de todo o mundo em desenvolvimento, de US\$ 2,5 trilhões; mas os EUA consomem US\$ 20 bilhões anuais com o serviço da dívida, diz ela, enquanto os outros consomem US\$ 300 bilhões/ano)?

Se a discussão sobre sustentabilidade ocorrer, vai-se retornar ao já mencionado impasse da Cúpula Mundial sobre o Desenvolvi-

to Sustentável, na África do Sul: o mundo todo já sabe que os padrões mundiais de produção e consumo são insustentáveis; estamos consumindo além da capacidade de reposição da biosfera terrestre; e o caminho do crescimento econômico, como ele é hoje, não teria base física para sustentar-se; será preciso definir novos formatos, novos padrões, capazes de enfrentar esse impasse, ao mesmo tempo em que sejam eficazes para superar o quadro de 800 milhões de pessoas que passam fome, quase metade da humanidade vivendo com menos de US\$ 2 por dia.

Nesse quadro, se a questão central é, então, a escassez de recursos naturais – é preciso repetir –, o Brasil terá de colocá-la no centro de sua estratégia, pois exatamente aí se situam suas vantagens comparativas – território continental, maior biodiversidade planetária, maior disponibilidade de recursos hídricos, alto nível de insolação, possibilidade de matriz energética limpa e renovável. Muitas vantagens. Só que essa estratégia teria de perpassar todas as áreas de governo e do planejamento privado.

Não se trata de utopias de “ambientalistas”. Estes são apontados como pregadores de fantasias irrealizáveis, enquanto seus críticos se consideram “realistas” – eles, que acreditam no que não existe, mirabolantes “novas tecnologias” que ainda serão inventadas e tudo resolverão.

Não há tempo a perder. Há cinco anos, o ex-primei-

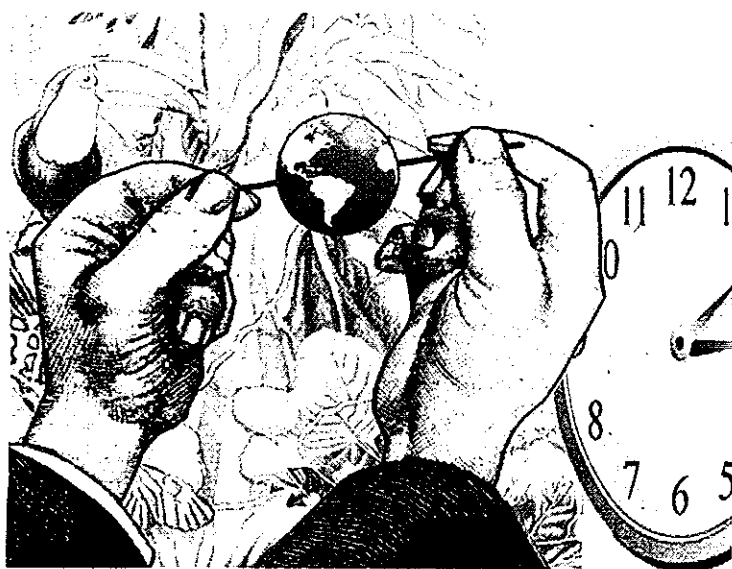
ro-ministro Mikhail Gorbachev alertava, na conferência Rio + 5, que teremos, no máximo, 30 anos para reverter o quadro, que hoje se caracteriza claramente pela ultrapassagem de limites dramáticos (mudanças climáticas, sobreuso de recursos, escassez de água, desertificação, etc.). Não se trata apenas de conservar ou preservar o meio ambiente. É muito mais grave que isso.

Hoje são muitas as vozes que fazem coro nessa direção. Em recente entrevista a Napoleão Sabóia (Estado, 9/2), o respeitado pensador francês Edgar Morin – que há décadas nos adverte sobre a insensatez de um modelo que pretenda dominar a natureza – declara temer que “o planeta se encaminhe progressivamente para um impasse generalizado”, em que “se somam crises econômicas, decomposição do espírito cívico e progressão da violência urbana”. E sugere uma revisão de tudo, lembrando que “nem todos os elementos essenciais na condição humana podem ser quantificados”.

Na mesma linha, o renomado e influente físico Fritjof Capra, em sua recente visita ao Brasil, disse ao jornalista Carlos Tautz que “para construir uma sociedade sustentável precisamos fazê-lo de forma a não interferir na já provada (ao longo de bilhões de anos) capacidade da natureza de sustentar a vida”. Para isso, pensa ele, não precisamos sair do zero: “Há modelos da natureza que devemos usar”, pois “os ecossistemas são sustentáveis, desenvolveram essa capacidade de sobreviver ao longo de bilhões de anos.”

Admite ele – possibilidade terrível – que talvez possa “ser muito tarde para reconhecermos a necessidade da sustentabilidade”. Mas de nada nos adiantaria nos imobilizarmos, porque “seria pior”. Caberia seguir a lição de Gramsci, de ser pessimista no diagnóstico da realidade, mas otimista na ação.

Mas, é preciso repetir, não se pode perder mais tempo. No Brasil e em qualquer lugar.



■ Washington Novaes é jornalista
E-mail: wlnovaes@uol.com.br